

## SABERES POPULARES NAS NARRATIVAS ORAIS: MARCAS LINGUÍSTICAS E SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

### POPULAR KNOWLEDGE IN THE ORAL NARRATIVES: LINGUISTIC MARKS AND SYMBOLS OF RESISTANCE OF THE QUILOMBOLA COMMUNITIES

Recebido: 13/10/2022

Aprovado: 15/12/2022

Publicado: 29/12/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i2.3003

Andreza de Souza Silva<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8160-3879>

Elane da Silva Plácido<sup>2</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9414-4862>

**Resumo:** Considerando que as narrativas orais são marcas linguísticas de resistência das comunidades quilombolas e fazem parte da ficção e história como discursos dos constructos humanos pela análise dos vestígios do passado no presente, constituindo uma visão linguística a destacar por meio da variação, discutem-se neste artigo aspectos da variação da língua em narrativas orais, questionando a constituição da identidade quilombola e seu lugar de fala como símbolo de resistência, representado por uma linearidade de histórias orais. Com o objetivo de analisar a variação linguística, como expressão de luta dos africanos que foram submetidos a vários tipos de serviços, castigos e opressões; as narrativas orais são contadas atualmente nas comunidades remanescentes e ainda mantêm viva na memória a resistência dos povos escravizados. Para isso utiliza-se uma pesquisa bibliográfica com embasamento teórico de alguns autores como Acácio Santos e Sérgio Norte (2017); Renato Mendonça (2012); Walter Benjamim (1994). Através dessa pesquisa, é possível observar que a língua africana influenciou na estruturação do português, além de ser símbolo de representatividade e resistência dos africanos.

**Palavras-chave:** história; narrativas orais; variação linguística; resistência.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) (2022), Graduanda em Docência para Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) curso de extensão em English Course( inglês básico I) pela UEMAnet. Curso de de Formação Inicial e Continuada (FIC) de Editor de Vídeo na modalidade à distância realizado no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Curso de Inglês - Módulo 1 e Modulo 2, realizado no Instituto Federal Sul-rio-grandense Campus avançado Novo Hamburgo ( IFSul). Palestrante na I Semana de Minicursos Acadêmicos: linguística, gramática e política educacional brasileira, orientada pelo docente substituto da instituição Wadames Richelly de Jesus Santos. Participante no evento Workshop 20 anos EaD Uema Diminuindo Distâncias e Construindo História; onde foi exposto para a comunidade interna e externa acadêmica a relevância das poesias e canções de João do Vale, este foi um grande poeta local da cidade Pedreiras. Atualmente docente na instituição Escola de Reforço Educar situada na cidade de Pedreiras - MA. Atuou como professora de Língua Portuguesa no Programa Governamental Mais Educação na cidade de Trizidela do vale - MA. E-mail: [sandreza69@gmail.com](mailto:sandreza69@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Graduada em Letras pela Faculdade de Educação São Francisco - FAESF (2009), Graduada em Administração Pública pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2014), Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio em Língua Portuguesa com ênfase em Gramática e Literatura pela Faculdade Pan Americana (2009), Especialização em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Latino Americana de Educação - FLATED (2011), Especialização Em MBA em Gestão Escolar pela Faculdade de Economia e Finanças IBMEC (2014). Foi professora substituta do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Maranhão, do Programa Darcy Ribeiro - (UEMA); Faculdade de Educação São Francisco - FAESF e da Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco - FEMAF. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Inglesa e Respectivas Literaturas; Morfossintaxe em Latim; Linguística e Práticas Pedagógicas; Literatura Africana de Língua Portuguesa e Literatura Negro-brasileira; TCC I e II. Possui experiência em EaD como tutora e supervisora. E-mail: [elaneplacido80@gmail.com](mailto:elaneplacido80@gmail.com)

**Abstract:** Considering that oral narratives are linguistic marks of resistance of the quilombola communities and are part of fiction and history as discourses of human constructs by the analysis of the vestiges of the past in the present, constituting a linguistic vision to be highlighted through variation, this paper discusses aspects of language variation in oral narratives, questioning the constitution of quilombola identity and their place of speech as a symbol of resistance, represented by a linearity of oral stories. In order to analyze the linguistic variation, as an expression of the struggle of the Africans who were subjected to various types of services, punishments and oppression; the oral narratives are currently told in the remnant communities and still keep alive in the memory the resistance of enslaved people. For this we use a bibliographical research with theoretical basis of some authors such as Acácio Santos and Sérgio Norte (2017); Renato Mendonça (2012); Walter Benjamim (1994). Through this research it was possible to observe how the African language influenced the structure of Portuguese, besides being a symbol of representativeness and resistance of Africans.

**Keywords:** history; oral narratives; linguistic variation; resistance.

## 1 Introdução

São muitos os saberes populares contados por meio de narrativas orais e a partir dessas histórias que observamos as marcas linguísticas do povo quilombola, que para conquistar sua liberdade teve de lutar com resistência e coragem. No período escravocrata, a alternativa para fugir de toda a opressão foi com a criação dos quilombos, nesses locais os negros refugiados podiam viver livremente, sem castigos e não eram proibidos expressarem a sua cultural.

Diante disso, destaca-se a importância de conhecer as narrativas orais que foram difundidas nos espaços de refúgio dos negros escravizados, pois sob poder dos portugueses eles eram proibidos de falar a própria língua e de praticar sua cultura e religião.

A partir desse entendimento, reconhece-se que as exposições orais foram importantes para a constituição da identidade africana e da língua portuguesa. Considerando-se que as histórias orais foram e continuam sendo difundido dentro dos espaços quilombolas, o presente estudo busca refletir acerca do questionamento: os saberes populares nas narrativas orais são símbolos de resistência e apresentam marcas linguísticas?

Na tentativa de responder tal questionamento, o objetivo geral deste trabalho é analisar a variação linguística, como expressão de luta dos africanos que foram submetidos a vários tipos de serviços e punições, além do símbolo de resistência perpetuado até nossos dias, visto que foi nesses locais que várias contribuições ao português brasileiro foram dadas, palavras e expressões africanas fazem parte do vocabulário da língua portuguesa no Brasil.

A escolha pela questão norteadora que embasa a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundar o conhecimento e debater constantemente sobre algo tão relevante para a área da linguística e para as questões étnico-raciais, em que os negros diariamente são obrigados a afirmar seu lugar de fala e representatividade social.

Este trabalho será subdividido da seguinte maneira: inicialmente será apresentado como ocorreu a criação dos quilombos e sua importância para a identidade dos negros; em seguida será exposto o que são as narrativas orais que foram difundidas nesses locais e a contribuição desta para a variação da língua portuguesa no Brasil e seu símbolo de resistência e por fim as considerações finais.

## **2 Constituição e identidade quilombola**

O Brasil traz em sua história a colonização e conseqüentemente a imposição do trabalho forçado, os indígenas foram os primeiros a serem capturados para realizar o trabalho de extração do pau-brasil e posteriormente das plantações de algodão e cana-de-açúcar, entretanto eles conheciam a floresta e acabavam fugindo para o interior do país.

A partir disso os colonizadores buscaram outras alternativas para adquirir mão de obra escrava, trouxeram das mais diversas regiões da África milhares de negros para serem escravos nos engenhos e vendidos para trabalharem nas casas dos senhores brancos, além disso havia aqueles que realizavam as mais diversas atividades na cidade. Os mais de trezentos anos de escravidão impregnaram na cultura social brasileira traços e costumes marcantes, influenciando na identificação do povo brasileiro (SOUZA, 2008).

Atualmente a variação de costumes foram herdados desse povo, pode não ser percebido algumas vezes por conta da influência cultural dos outros povos. Desde a culinária, dança e vestimentas; essas trocas culturais contribuíram para uma formação cultural híbrida, isso porque os escravos possuíam uma grande diversidade cultural devido a origem diferente e por pertencerem a diversas etnias.

Durante o período escravocrata várias formas de resistência foram realizadas na tentativa de desvencilhar da dominação em um país totalmente diferente daqueles originários África. Entretanto a escravidão continuou sobre uma forte diligência e imposição de violência àqueles que não obedeciam às regras (RIBEIRO 2006).

Os escravizados se opuseram diversas vezes ao regime imposto pelos senhores brancos, pela forma que eram tratados, trabalhando sem nenhuma remuneração e sobrevivendo em cativeiros, eles acabavam adotando comportamentos de rebeldia. Durante muito tempo a tentativa de mascarar as evidências e punições contra os negros foram persistentes, assim mesmo com as propagandas de abolição os africanos acabavam resistindo.

Aos negros foram negados o direito de terem uma vida livre, com isso é observado o poder colonial. Para Bhabha “ao negar ao colonizado a capacidade de se autogovernar, a independência, os modos de civilidade ocidentais, confere autoridade a versão e missão oficiais do poder colonial” (1998, p. 127).

Contudo, mesmo com as regras e violência sendo impostas, os escravos acabavam fugindo, esse tipo de insubordinação dos negros foi chamado de quilombo, essa foi uma forma de resistência e luta, esses locais eram localizados bem distante e principalmente na mata, local de difícil acesso sendo uma alternativa de resistência diante do trabalho forçado e sem qualquer tipo de remuneração, além disso o lugar era sinônimo de libertação (FREITAS, 1984).

A presença e criação dos quilombos serviram para afirmar que essas localidades surgiram por causa da vida aflituosa, exigências dos colonizadores e hostilidade dos quais levavam alguns negros à morte. Além disso, a distribuição dos africanos escravizados em todo o território fez imergir a formação da identidade cultural brasileira, porque eram nesses locais que esse povo podia ter sua identidade e representar sem qualquer tipo de opressão suas danças, comidas, vestimentas e língua.

Segundo Souza (2008) mesmo tentando esconder-se dos colonizadores os quilombolas se situavam na mata afastada, mas em um local próximo a outras comunidades com a intenção de manter trocas comerciais, isso acontecia de forma sigilosa e ilegal, quem os ajudavam eram pequenos lavradores, alguns escravos que ainda se encontravam escravizados e alguns comerciantes. A economia quilombola só se desenvolveu por causa desse comércio informal, além do cultivo de frutas, verduras e legumes.

Com o tempo os locais que serviam de refúgio para os africanos se tornaram também lugar de moradia para outros grupos, como os indígenas, por exemplo. Essa convivência livre que os escravos obtiveram possibilitou trocas com outros sujeitos que não eram oriundos da África, dessa forma havia transferência de valores e

costumes, isso permitia aos indivíduos se posicionarem de forma diferente perante a sociedade.

Há diversas comunidades quilombolas distribuídas no Brasil, segundo o IBGE (2019) existem cerca de 5.972 localidades quilombolas no território brasileiro espalhadas tanto em áreas rurais como em áreas urbanas, a maior parte delas se concentra no estado do Maranhão. Sempre objetivando a luta pela liberdade do povo, na contemporaneidade esses locais ainda preservam essa ideia inicial, mas trazendo como propósito a luta pela preservação da cultura africana e afrodescendente.

### **3 A variação linguística nas narrativas quilombolas**

A expressão cultural de um povo, seja na arte ou na literatura já faz parte do cotidiano da humanidade desde que houve o contato e a efetividade na relação entre os grupos, diante disso para qualquer tipo de conexão deveria estar presente a comunicação. O homem poderia abster de outras atividades, mas falar é algo completamente inato do ser humano. Segundo Joaquim Barbosa (2011, p.18)

Através do simples “Olá!” ao “Como vai?” ou até mesmo das longas declarações de afeto, o homem busca estabelecer contato com seus pares, como maneira de provar a necessidade de socialização, expressar-se de forma oral para ser entendido, provar que ele não está só. Seria difícil imaginar uma comunidade onde as pessoas não se comunicam pela fala.

É a necessidade de socializar-se que obriga o homem a manter a comunicação com os demais. Michael Certau (2008) afirma que o diálogo é uma prática que impulsiona e altera o modo de vivência do indivíduo, ainda segundo ele há uma linguagem verbal sem apropriação, ou seja, a criação da conversação não pertence a nenhum dos indivíduos, pois essa interação é um ato coletivo e temporário.

A oralidade tem sido essencial para suprir a necessidade de se comunicar com os outros em todas as atividades do cotidiano, mas também tem permitido explicar tudo que está no interior de cada indivíduo: seus medos, angústias, alegria e amor. É a partir da emissão e recepção da mensagem que a comunicação se desenvolve no seio da humanidade.

Nos espaços onde são disseminados os relatos orais; as histórias são únicas e reveladas por uma ou mais pessoas, porém essas narrativas não são individuais, porque denota o fazer da comunidade quilombola construída através de todas as

vivências. Apesar das histórias serem reiteradas, elas continuam sendo contadas por explicar fatos atuais e neutralizar fatos sociais.

As exposições narrativas contêm fatos experimentados desde o surgimento das primeiras tribos na África, perpassando por combates, guerras, o tráfico negreiro e a luta por sobrevivência em terras brasileiras. Essa batalha dos africanos escravizados ainda é perceptível no contexto atual, é uma luta incansável por espaço social. O trecho a seguir de uma narrativa foi extraído do livro de Santos e Norte (2017, p.15)

Aqui (Cafundó) também teve (resistências) de brigas, houve morte também, porque o interesse por essas terras aqui é grande. E aí não sei por que, mas o negro sempre tem que não ter nada, o negro sempre serviu pra... O negro serve mais de ato de pesquisa, só serve pra isso, mas o negro nunca tem nada, nunca pode ter nada. Porque antes, no tempo dos nossos antepassados, eles já vieram como escravos, então não tinha outro jeito. Então eles colocavam eles no tronco, batiam, eles tinha que sujeitar porque não tinha outro jeito, e agora o negro é mantido como escravo de outra maneira. Hoje a turma leva chicotada e não vê o chicote. Antes o negro já sabia, tomava chicotada, mas via o chicote. Agora continua sendo escravo, mas sem ver o chicote... (Sr. Marcos/Cafundó).

No relato do Sr.Marcos, algumas expressões e palavras são originárias ou reformuladas dentro do espaço quilombola; como, por exemplo “ E aí não sei por que, mas o negro sempre tem que não ter nada, nunca pode ter nada” o uso da dupla negação marcada no sujeito, que na narrativa é o negro, auxiliou na construção da língua portuguesa. As repetições de algumas palavras ou diálogos sem concordância são marcas significativas da oralidade que originou o português diversificado no Brasil, originando a dialetos diferentes em locais diversificados, isso por causa da impregnação de várias línguas em um mesmo território.

No início da colonização, a chegada de vários africanos de diferentes grupos étnicos levou os portugueses a tomarem medidas como a separação dos negros, a preferência dos colonos era não alocar os escravizados da mesma origem em um mesmo local, essa atitude serviu para dispersar a cultura linguística dos africanos. Para Oliveira (2017) foram os negros que aportuguesaram o território brasileiro principalmente no Nordeste; local onde a produção de açúcar foi constante e nas áreas de mineração do país. Segundo A. Mussa (1991, p.146):

(...) o percentual de falantes Bantu foi sempre superior, e quase sempre maciçamente, em todo o período do tráfico. Isso nos possibilita entender de forma bastante clara por que são precisamente os itens lexicais de origem Bantu os que se registram com mais anterioridade, com maior grau de integração morfológica e em maior número de campos semânticos no português do Brasil...

Para autora, os escravos tiveram que abandonar suas línguas e construir o português brasileiro, mesmo sem ter ideia disso, eles foram obrigados a aprender em um processo de repasse a linguística irregular da língua colonizadora. Os falantes Bantu foram os africanos que deram uma maior contribuição na estrutura da língua portuguesa do Brasil, além de serem os mais ingressantes na morfologia e no léxico da língua atual.

É necessário ressaltar que todo esse processo que ocorreu no território brasileiro, é evidenciado com as variações linguísticas e extralinguísticas existentes que se tornaram possíveis e influentes por causa desses povos que tanto sofreram no período da colonização: longe de suas terras, separados, castigados e proibidos de se expressarem culturalmente. Na narrativa registrada no livro Santos e Norte (2017, p.14) destacam:

Então, pra vocês, que alguns já conhecem aqui o lugar, né, pra nós a história é longa, eu vou apenas {Abreviar} abreviar, né, porque a história mesmo da comunidade começou há quatrocentos anos atrás, depois aí vem vindo sofrendo mudanças, né, *drástica*, mas *tá* mudando, porque a gente costuma falar que não há vitória sem luta, né, então a luta continua e assim a gente vem conseguindo melhoria, essas coisas, falta muito, mas assim, agora, a história que você quer saber é a história do passado, atual? (Dona Diva/Pedro Cubas).

Ao relatar sobre as histórias dos seus descendentes, Dona Diva usa em sua fala frases sem concordância entre sujeito e predicado, repetição constante de algumas palavras e colocação de palavras que representam a variação regional; como exemplo a palavra “*depois*,” “*a gente*”. Na atualidade a utilização desses termos é constante no nordeste do Brasil, outro ponto importante da narrativa é que Dona Diva cita a luta constante que os negros ainda vivenciam.

Foi através de toda a comunicação, repasse e memorização que se efetivou as narrativas orais ou histórias. Sem ser esquecidas; as vivências humanas foram e ainda são transmitidas por geração, hoje não mais como antes, mas diferente por causa de todo aparato tecnológico e modernização que a sociedade obteve. Souza (2008) cita que as narrativas orais são meios das gerações propagarem aos mais jovens as experiências e princípios vivenciados, inserindo na comunidade uma série de valores.

De fato, esse tipo de expressão oral constitui a identidade cultural de uma comunidade, uma mesma forma de manifestação pode variar dependendo da região, isso se deve a mesclagem predominantemente social. Souza (2008) afirma que a literatura verbal, além de expressar os sentimentos, emoções e vivências de um grupo, também apresenta traços literários e linguísticos. Segundo Salvatore D’Onofrio (2007, p. 88):

são criações coletivas que brotam do próprio ser humano, sendo a voz de um povo que enfeixa em pequenas narrativas seus anseios e temores apreensíveis pela audição e passíveis de serem memorizadas e recontadas, com adaptações, como se percebe nas inúmeras versões dos contos, mitos e lendas que preenchem o imaginário em muitos países.

Essas narrativas que “brotam do próprio ser humano” em geral são reflexos de tudo o que foi experimentado pelos indivíduos, ou seja, é reflete a sociedade. É por isso que nas comunidades tradicionais são utilizadas para transmitir e manter viva na memória a cultura do grupo. O trecho da narrativa oral a seguir foi extraído do livro *Narrativas quilombolas: dialogar conhecer e comunicar dos autores Santos e Norte* (2017, p.12):

Eu já vi. Ver não, já ouvi perto assim. Eu tava numa casa – isso também que aconteceu é novo – eu tava numa casa trabalhando, tirando palmito também, e peguei um companheiro pra trabalhar comigo, que é parente nosso, filho de [ ]. Aí, quando era de manhã, a gente deixava as panela lá em cima assim do negócio lá, da tarima – a gente fala tarima, sabe, não é mesa, é tarima – aí começava. Dava umas quatro e meia, cinco hora, começava barulho na panela, igual que pnhava água na panela, igual que tirava, igual que tirava do lugar... Aí eu falei pro companheiro; ele falou assim: “Nossa, mas cê viu mesmo?”. Falei: “Eu vi”. “Então, cê me chama pra mim ver também?” Falei: “só que tem uma coisa, é... você tem coragem pra ver?”. Aí ele pensou um pouquinho e falou: “É, eu tenho sim coragem”. Eu falei: “Porque se cê não tiver coragem, é bom que não mexa”, porque, assim, gente medroso, que nem a mulher dele tem medo, tem medo dessas coisas, tem medo de fantasma, tem medo de... tem medo! Então, quando eu vejo essas coisa, eu nem falo pra gente medroso, eu não tenho medo memo. Aí ele falou: “mas cê chama?”. Eu falei “chamo”. (Sr. Maurício/André Lopes).

Esse fragmento é uma transcrição realizada a partir de conversas feitas em uma comunidade quilombola, é possível perceber que o modo de falar tem características próprias e se diferencia da linguagem formal. É perceptível o uso de palavras e expressões próprias dos africanos ou de povos próximos à região de origem destes, *tarima*, por exemplo, é de origem árabe e segundo o dicionário significa “estrutura de madeira forrada com tapete e protegida por um dossel”

A expressão *ponhava* vem do verbo “pôr” e que faz parte do vocabulário dessa comunidade quilombola pode ter surgido a partir do contato entre os negros e outras raças, ou seja, a língua falada por essa comunidade ou o modo como se expressam varia muito em relação ao local onde se deu processo de internalização da linguagem. As comunidades quilombolas podem ter formas diferentes de expressão, isso por conta da extensão territorial brasileira e influências diversificadas. De acordo com Renato Mendonça (2012, p.86):

É preciso observar que os poucos verbos em português de origem africana pertencem todos à primeira conjugação: mandingar, zangar, bongar, carimbar, catingar, banzar, sambar, curiar, maxixar, cochilar, candongar, enquisilar, aquilombar. Em Pernambuco e Alagoas, os negros deixaram certos adjetivos no dialeto local: capiongo, cassange, cafuçu, ingangento, cangulo, macambúzio, manzanza, caçula, buzuntão, capenga, banguelo, fiota, dunga, zorô, granganzá, cutuba.

É certo afirmar que o vocabulário africano influenciou na construção do português brasileiro, o que na maioria das vezes muitas pessoas desconhecem. Para a etnolinguística baiana Yeda Castro (2001) acredita-se na interferência da língua africana na língua portuguesa local; é como perpassar por toda a história da formação da expressão linguística do Brasil.

As narrativas orais difundidas em outros locais, mas principalmente nos quilombos são histórias estruturadas e complexas, pois raciocinar a respeito da relação com outras línguas em um país tão miscigenado quanto o Brasil requer muita reflexão.

Na identidade quilombola, as narrativas estão diretamente ligadas a questão de memória e principalmente ao lugar de fala do povo quilombola. As vozes narrativas é um índice do quanto essas vozes buscam resgatar sua identidade que há muito tempo esteve subordinada. Desta maneira, “pensar lugar de fala é romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (RIBEIRO, 2017, p. 49-50).

É com as vozes dessas narrativas, caracterizadas como vozes de resistência que podemos observar o rompimento de hierarquias opressivas que durante bom tempo histórico escravizou o povo negro tornando-o subalterno no meio em que viveu. O romper do silenciamento é observado, quando os contadores de história passam a expor suas memórias ancestrais e mostram algo bom para expressar.

É desta forma que o silenciamento é rompido e essas pessoas que sofrem preconceito linguístico acabam conquistando seu lugar de fala e legitimando sua história através dessas narrativas orais que possuem um valor significativo e memorialístico na vida dessas pessoas por possibilitar o conhecimento de histórias de um povo sofrido e que nos faz refletir todas as significações contadas pelas narrativas.

Observamos através das citações em que ocorre a variação linguística a verdadeira representação da sua identidade, porque é por meio da fala que é propagado aprendizagens importantes que são mostradas a outros sujeitos e a própria comunidade quilombola repercutindo uma cultura por gerações.

#### **4 A voz traduzida em símbolo de resistência**

As narrativas orais são referências em relação às histórias familiares, aquelas que passam de geração em geração e deixam marcas profundas. Além disso, implica também lembrar que antigamente contar histórias não era uma prática cotidiana, mas um ofício obrigatório que deveria repassar aos mais novos as lições e vivências do cotidiano.

Produzir as narrativas e contá-las propõe mais do que simplesmente repassar, contar é sinônimo de saber e tecer estratégias para explicar o inexplicável, assim o ouvinte tem capacidade de perpassar para as futuras gerações. Requer um empenho e dedicação, além do saber existente para dar forma e sentido ao que se conta. De acordo com Heller (1993, p.72):

Dar sentido significa mover os fenômenos, as experiências e similares, para dentro de nosso mundo; significa transformar o desconhecido em conhecido, o inexplicável em explicável, bem como reforçar ou alterar o mundo por ações significativas de diferentes proveniências.

A direção que as histórias contadas dão as pessoas é significativa, não se imagina uma humanidade sem experiências e momentos que servem de aprendizado para as pessoas. Expor as histórias é um ato de ressignificação de quem conta e transformação da realidade do ouvinte. Para Barbosa 2011, p. 31 (apud Walter Benjamin, 1994, p.41):

[...] narrar é intercambiar experiências, é tecer um fio que se alimenta diariamente nos fios da memória, perfazendo uma rede construída com o tempo, como no trabalho manual. O filósofo considera a arte de narrar uma forma artesanal de comunicação. Artesanal como ainda são as práticas de

tecer as peneiras e os tipitis, pintar as cuias e consertar as malhadeiras e tarrafas debaixo da mangueira, prática cotidiana das mulheres e homens...

Para que a realidade seja transformada e experiências sejam alimentadas através das narrativas é essencial esforço e um manuseio, como o autor cita acima as histórias devem ser assemelhadas com as práticas artesanais das quais são utilizadas as mãos para dar forma e vida aos objetos, assim deve ser as narrativas: uma arte que o autor utiliza os mais diversos recursos para conformar.

Assomando isso as narrativas quilombolas não são diferentes. Desde que foram trazidas para terras americanas à força, o que conseqüentemente levou a formação do mundo moderno e também uma consciência de luta, os escravizados tentaram resistir ao regime em que eram obrigados, trabalhavam em diversos lugares, mas apesar disso onde eles estavam havia resistência, mesmo sob ameaça de opressões e torturas.

Ressalta-se nessa discussão o pensamento de Grada Kilomba: “a opressão forma as condições de resistência” (2019, p. 69), a questão de resistir às punições e a qualquer tipo de violência se opondo a todos os tipos de sujeição é observada, quando o sujeito se opõe a essas opressões sofridas. Desse modo no momento que o indivíduo passa a ter a consciência de que deve ir contra a submissão para obter o seu lugar de fala, ele se opõe e ao invés de objeto passa a ser sujeito, porque ele passará a não aceitar mais o lugar que lhe foi imposto:

A quilombagem afirmava a possibilidade de um futuro mesmo quando ele era negado pela lei, pela Igreja, pelo Estado e pela cultura, os quais proclamavam que não havia alternativa à escravidão – considerada tão natural quanto o dia e a noite – e afirmavam que a exclusão dos/as negros/as da humanidade era algo natural. Os/As quilombolas tornaram visível o aspecto fictício dessa naturalização e, ao quebrarem os códigos, elas/eles operaram uma ruptura radical que rasgou o véu da mentira (VERGÊS, 2020,p.50).

É desta forma que acontece a resistência e assim a representatividade linguística é observada a partir das propagações de narrativas orais. Outra forma de resistência mais estudada nas instituições foram às fugas e formações de comunidades quilombolas no meio da mata; distante dos engenhos, cidades e minas. Nesses locais, diversas tradições e costumes poderiam ser difundidos sem qualquer repreensão.

Amador de Deus (2008) cita que, apesar dos obstáculos, os homens e mulheres africanos se mantiveram firmes para conhecer e adaptar ao lugar onde

estavam situados, não contaram com outros recursos que não fossem seus corpos e habilidades, tendo como alicerce, sobretudo as memórias vivas do continente de origem. Isso contribuiu para o processo de repensar sobre a cultura africana e também a forma de resistência.

Segundo Walter Benjamin (1994) são nas comunidades remanescentes quilombolas que a narrativa está mais presente do que em espaços específicos, onde está desaparecendo por conta da modernidade e advento da escrita. Nos quilombos as histórias são narradas com o propósito de continuar transmitindo os costumes, tradições e memórias do povo africano. Para Leandro Haerter (apud Walter Benjamin, 1994, p.211),

como acentua Benjamin, a narrativa pode ser apreendida como um elemento fundamental de resistência, uma vez que, “A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração [...] Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si [...]”.

Mais que contações de histórias, as narrativas são sobretudo uma força, que impulsiona a transmissão de uma cultura, em especial a dos povos africanos, que contavam para seus filhos e netos histórias do seu povo. Isso continua até hoje nas comunidades remanescentes.

## 5 Conclusão

A vida dos africanos escravizados sempre foi permeada de sofrimento e luta desde que foram forçados a deixarem sua terra natal, perpassando por uma viagem desumana até chegar a solo brasileiro e serem tratados como mercadorias. Não tinham vez e nem voz, proibidos de se expressarem culturalmente sua língua, encontraram nos quilombos o melhor lugar para voltar as suas origens, sem opressões e castigos os negros poderiam voltar as suas raízes.

Ao longo de nossas análises, observamos que as narrativas orais difundidas dentro dos quilombos e que perduram até hoje nas comunidades remanescentes têm influenciado na formação da língua portuguesa no Brasil, apesar da nossa língua ser herança dos colonizadores portugueses, os africanos contribuíram; assim como outros povos para a estruturação dessa linguagem.

As variações existentes, ao repassar as exposições orais, são fortes e visíveis, entretanto algumas pessoas ainda desconhecem a sua importância, visto que analisar e estudar a língua africana e suas contribuições é algo complexo; por causa da miscigenação no território brasileiro. Toda essa interferência só foi possível através dos diálogos predominantes nos quilombos.

Todas as histórias contadas por gerações que perduram atualmente foi uma maneira que os negros escravizados obtiveram para ressignificar e mudar a realidade deles e dos descendentes, deixando várias marcas: força e garra. Percebe-se que a visão estrutural ainda permanece desde o início do período colonial e perdura, ainda hoje, oprimindo os menos favorecidos, particularmente, negros e povos originários, marcados como exploráveis desde o começo desse processo de exploração capitalista (QUIJANO, 2005).

Portanto, podemos apontar, à guisa de uma breve conclusão, que as narrativas orais contribuem para a variação linguística presente no falar do povo brasileiro, além de ser símbolo de resistência, em razão de tudo que os negros passaram ainda refletem no presente. É significativo abordar esse tema para compreender a formação da língua portuguesa no território brasileiro e assimilar a identidade quilombola.

## Referências

AMADOR DE DEUS, Zélia. *Os Herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na universidade*. [Doutorado] Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2008, 295f

BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira *Narrativas orais: performance e memória* / Manaus: UFAM, 2011. 143 f.; il. Color. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2340/1/Dissertação%20-%20Joaquim%20Onésimo%20Ferreira%20Barbosa.pdf>.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a, p. 114-119.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A hora e a vez do português brasileiro*. (USP, CNPq) Museu da Língua Portuguesa Estação da luz. (s/d) In: file:///C:/Users/a/Downloads/A%20hora%20e%20a%20vez%20do%20portugu%C3%AAs%20brasileiro.pdf

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia – um vocabulário afrobrasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. 15. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREITAS, D. *Palmares: a guerra dos escravos*. 1984. Porto Alegre- Mercado Aberto.

HELLER, Agnes. *Uma teoria da história*. Tradução Dilson Bento de Faria Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

IBGE – *Instituto de Geografia e Estatística*. Censo 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil* / Renato Mendonça, apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. – Brasília : FUNAG, 2012. 200 p.; 15,5x22,5 cm.

MUSSA, Alberto. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado. 1991.

OLIVEIRA, Pires de Roberta. *Contribuições Africanas Na Formação Do Português Brasileiro: Elementos Linguísticos E Culturais*. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18775/1/2017\\_RobertaPiresDeOliveira\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18775/1/2017_RobertaPiresDeOliveira_tcc.pdf)

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA, B. *O Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro* (2008). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

HAERTER, Leandro. *Narrativas Quilombolas: Outras Histórias E Pedagogias*. Orientadora: Profª Drª Denise Marcos Bussoletti Pelotas, 2017.

SANTOS, Almeida Sidinei Acácio; NORTE, Queiroz Augusto Sérgio. *Narrativas quilombolas: dialogar, conhecer e comunicar*. 2017. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/educacao\\_quilombola/material\\_sao\\_paulo\\_livro.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/educacao_quilombola/material_sao_paulo_livro.pdf)

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Trad. de Jámille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.